

Segundo Domingo Tempo Comum - C

“Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5)

Depois do tempo de Natal, começa o chamado tempo comum, onde vamos reviver os principais mistérios da salvação. Hoje nos é apresentada uma festa de casamento (metáfora da relação de amor entre Deus e Israel, que recorre muito no AT) onde (alegoricamente) Deus é o marido que ama esposa, o povo. A primeira leitura (Is 62,1-5) já apresenta esta verdade: “*Tua terra será Bem- Casada, pois o Senhor agradou-se de ti*” (Is 62, 4); no Evangelho é Jesus o **noivo** que veio ao mundo para realizar este casamento. Mas... veio a faltar o vinho, símbolo do amor, da alegria, da festa. Isto aconteceu na Antiga Aliança: de fato as seis talhas evocam a imperfeição da mesma Lei, as pedras lembram as tábuas da lei, a purificação o conjunto dos ritos superados, as taças estão vazias pois a vida secou. Quem ‘provoca’ é Maria que percebe o apuro e diz simplesmente para Jesus: “*Eles não tem mais vinho*” (Jo 2,3). Maria é a mãe que cuida, que é providente, **confiante**, perseverante e diz aos servos: “*Fazei o que Ele vos disser*” (v.5). E Jesus entra em ação e com o sinal, faz como que a passagem do AT para o NT. A alegria voltou! A **HORA** de Jesus chegou!

A Palavra (Jo 2,1-11)

“Três dias”. (v. 1) O evangelho de João inicia com uma semana inaugural (1, 29.35.43) que quer mostrar os sete dias de uma nova criação que Jesus inicia. Mas, a expressão tem também um significado pascal.

“A mãe de Jesus” (v.1). João não coloca o nome da mãe e fala só duas vezes dela. A outra em 19,25-27. Ela é nomeada antes de Jesus neste texto, pois provavelmente, foi por causa dela que Jesus e os discípulos foram convidados.

“O vinho veio a faltar” (v.3). O casamento durava sete dias...mas lembremos que a falta do vinho simboliza o AT.

“Eles não tem mais vinho” (v.3). Maria faz presente uma situação aparentemente sem saída...

“Mulher, porque dizes isto a mim? Minha hora ainda não chegou” (v.4) Jesus chama a mãe como ‘mulher’. Significado teológico, simbólico, pois Maria é, na verdade, ‘a mulher’, a nova Eva. João joga também sobre o sentido simbólico da ‘hora’. A hora de Jesus será sua glorificação na cruz, quando acontecerá o casamento do Filho com a Igreja.

“Fazei o que Ele vos disser” (v.5). Mas, Maria confia em Jesus e passa esta confiança aos servos. (Ver Gn 41,55; Ex 19,8. 24,7) e profere a última frase dela em João, (um ensinamento de mestral!) mostrando como o **essencial é fazer a vontade dele**, em cada momento, cada hora, e sempre!

“Tu guardaste o vinho bom...” (v.10). O valor simbólico da frase é claro. Jesus é a novidade incomparável. É a Nova Aliança, o verdadeiro esposo, a alegria!

“Manifestou a sua glória” (v.11) Caná é uma manifestação divina ligada, na liturgia, à Epifania.

A Palavra na vida

Os dois personagens chaves do Evangelho são, evidentemente, Jesus e Maria.

a) Jesus

Procuremos entrar no mistério de Caná que é como que a porta da inteira revelação de Jesus, a chave que permite compreender todo o quarto Evangelho. As núpcias de Caná são antes de mais nada, um **ícone cristológico**. O sinal de Caná, o Primeiro sinal realizado por Cristo, (são sete em João como eram sete as grandes festas do povo Hebreu!) revela a sua novidade e a identidade de Filho único do Pai. (João 2,11) Revela de forma clara, para quem o aceita na fé, a pessoa de Jesus com o trinômio: sinal- glória-fé: ele faz o sinal, manifesta sua glória, e os discípulos creram nele. Ele é o noivo da festa nova da humanidade!

O sinal da água transformada em vinho “apresenta de certo modo, a imagem do Batismo e da vida nova. De fato quando algo se transforma, quando uma criatura passa de um estado inferior a outro melhor por uma íntima mudança, realiza-se um segundo nascimento.” (S. Fausto de Riez, bispo). O evento de Caná é também, portanto, **ícone batismal e eucarístico**: profecia da Eucaristia

b) Maria

Caná é ícone mariológico. Maria, morada do Verbo, atingiu o maior patamar da perfeição maternal. Caná é o lugar onde Maria começa a sua maternidade sobre a humanidade; em Caná é presente como mãe messiânica. A mãe de Jesus, em Caná, reza ao Filho pelas necessidades de um banquete de núpcias, sinal de outro Banquete. A tradição joaninha é qualitativamente muito densa: Maria crente, mãe de Jesus, é colocada no início e no fim do quarto Evangelho. Maria avisa o Filho: " Não *tem mais vinho*" mostrando sua 'competência' materna. De fato Ela está presente em Caná com uma maternidade de graça; de experiência plena da união com Deus. Maria participa ativamente nas núpcias de Caná e nas núpcias do Calvário. Maria chega ao Calvário partindo de longe, de Belém, de Nazaré, mas, os momentos centrais de seu caminho são Caná e a Cruz. E Maria tem uma presença nos dois eventos. Em Caná é a Mãe que apresenta o Filho ao mundo, no Calvário é o Filho que apresenta a Mãe ao mundo.

Maria é a mulher atenta: em Caná, Maria é mãe e mais ainda é mulher, ou melhor "*a mulher*" (2,14). Nada pode justificar que um filho chame a mãe como "mulher", só que aqui o filho é o "novo Adão" ... A mulher Maria evoca a mulher das origens, e retoma a plenitude do feminino no designo de Deus. Maria evoca a esposa, = a humanidade toda, que Jesus veio salvar com seu sangue. O pedido de vinho, avançado por Maria, a Jesus, reconduz à intimidade de amor do Cântico do Cânticos, cuja experiência de amor é comparada "*à cela do vinho*" (Ct 2,4) ... Assim:

Contemplando a Palavra: A fiel Maria é modelo da Igreja de como se **acolhe a Palavra** (na Anunciação); de como se **difunde e anuncia a Palavra** (na Visitação); de como se **gera a Palavra** (na Natividade); de como se **apresenta a Palavra ao mundo** (na Epifania); de como se **guarda e medita a Palavra dentro** de si (na vida em Nazaré); de como se **acredita e se confia na Palavra** (em Caná); de como se **permanece fiel à Palavra** (na Cruz); e de como se **testemunha a Palavra** (Pentecostes).

(Cfr. La Maestra, Lezioni Mariane in Cana, Michele Masciarelli, Libreria Vaticana, 2002).

Orar com a Vida

As vasilhas de pedra que serviam para a purificação eram seis e estavam vazias. Esta carência do vinho, produto da terra, tem um valor simbólico capaz de inspirar a análise **das carências do mundo de hoje**. Na sociedade como um todo, falta o vinho, falta Deus... Vivemos no tempo do "pensamento frágil", ou seja, um pensamento que quer convencer a todos da necessidade de libertar-se das verdades universais, para alcançar uma verdade mais móvel, mais tolerante, mais "líquida". Este vazio do mundo se repercute também na vida de família, da sociedade em geral, também na Igreja. Quais os problemas e desafios que a fé enfrenta? Como viver a fé hoje? Eis algumas perguntas que já nos fizemos e fazemos ou escutamos. Todos nós estamos cientes que a fé passa por uma profunda crise e percebemos que falta algo... As seis vasilhas vazias de Caná simbolizam os vazios que sentimos, mas como preenchê-los com vinho novo? Hoje parece que falta o vinho bom da comunidade, do amor, do testemunho, da oração, do compromisso....

O que você acha que falta ainda no mundo? Façamos a nossa parte, quem sabe colocando a serviço dos outros os dons que recebemos de Deus (segunda leitura 1 Cor 12,4-11), e como os servos do Evangelho, colocar a água nos jarros: Jesus e o seu Espírito farão o milagre do amor! Enche os 'jarros' de sua vida de Deus e lembre-se que a alegria de sua família, sua comunidade, só pode ser Ele!

Pergunta: O que será que fizeram com o vinho que sobrou? (Jo 2, 6...)

Resposta: estamos bebendo dele até **hoje! E sempre**, neste mundo, beberemos dele, na Eucaristia até o fim dos tempos!

